




## DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO: ELIMINAR A DISCRIMINAÇÃO DESDE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

***Cucumber must be twisted from a young age: Eliminate discrimination from childhood and early childhood education***


Patrícia Ferraz de **MATOS**  
Instituto de Ciências Sociais  
Universidade de Lisboa  
Lisboa, Portugal


[patricia\\_matos@ics.ulisboa.pt](mailto:patricia_matos@ics.ulisboa.pt)

<https://orcid.org/0000-0001-7322-3756> 

Christian Muleka **MWEWA**  
Campus Três Lagoas  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Três Lagoas/Brasil

[christian.mwewa@ufms.br](mailto:christian.mwewa@ufms.br)

<https://orcid.org/0000-0002-7079-5836> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

### RESUMO

Este artigo constitui-se como a introdução ao dossiê *Infâncias, Racismos e Educação Infantil*, que reúne dezoito artigos e uma entrevista. Divide-se em quatro secções: I. Conhecer, Refletir e Analisar; II. Observar e Aprender (Na Educação Infantil); III. Observar e Aprender (Fora da Educação Infantil); e IV. Agir (Transições e Expressões). Começa por contextualizar a necessidade de promover uma educação antirracista e inclusiva desde a infância e os problemas que se colocam a esse empreendimento. Tanto os ensaios teórico-metodológicos, como os artigos que resultam de pesquisas de terreno – em arquivos, escolas, espaços de formação, lúdicos, ligados a práticas religiosas ou outras instituições, ou ainda na família – contribuem para a compreensão de dispositivos, subjetivos e objetivos, relativos a manifestações de racismo(s) e/ou discriminação étnica e racial durante a infância e/ou no contexto da educação infantil. São ainda tomadas em consideração vivências quotidianas no contexto educativo – relação entre os/as professores/as e /educadores/as e as crianças e relações entre as próprias crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância. Discriminação étnica, racial e religiosa. Educação infantil. Família.

### ABSTRACT

This article is an introduction to the special issue *Childhood, Racisms and Early Childhood Education*, which brings together eighteen articles and an interview. It is divided into four sections: I. Know, Reflect and Analyze; II. Observe and Learn (At Childhood Education); III. Observe and Learn (Out of Childhood Education); and IV. Act (Transitions and Expressions). It begins by contextualizing the need to promote an anti-racist and inclusive education from childhood and the problems that arise with this undertaking. Both the theoretical-methodological essays and the articles that result from field research – in archives, schools, training spaces, recreational spaces, spaces linked to religious practices or other institutions, or even in the family – contribute to the understanding of devices, subjective and objective, related to manifestations of racism(s) and/or ethnic and racial discrimination during childhood and/or in the context of early childhood education. Daily experiences in the educational context are also taken into account, including relationships between teachers and educators and children and relationships between children themselves.

**KEYWORDS:** Childhood. Ethnic, racial and religious discrimination. Early Childhood Education. Family.

*Et le Loup, le Diable, le Mauvas Génie, le Mal, le Sauvage sont toujours représentés par un nègre ou un Indien, et comme il y a toujours identification avec le vainqueur, le petit nègre se fait explorateur, aventurier, missionnaire "qui risque d'être mangé par les méchants nègres" aussi facilement que le petit Blanc (FANON, 1952, p. 119)<sup>1</sup>.*

A expressão popular "de pequenino se torce o pepino" significa que é de tenra idade que se devem educar e moldar as crianças. Partindo desse pressuposto, deveria ser também desde a infância que as crianças tomariam um primeiro contato com a necessidade de se promover uma educação antirracista e inclusiva. No caso do Brasil, tem havido, de fato, algum progresso nesse sentido, nomeadamente devido à implementação da Lei n.º 11.645/08, que alterou a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, a partir da qual se estabeleceram as diretrizes e bases da educação para incluir nos currículos oficiais de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Contudo, por um lado, a implementação desta lei não parece suficientemente alargada, nomeadamente para as etapas educativas com crianças menores de seis anos. Por outro lado, as propostas feitas a partir de iniciativas individuais de professores/as, creches, pré-escolas em especial, mas também das escolas, nem sempre são as mais adequadas. Tal acontece, por exemplo, em dois momentos anuais, que poderiam ser melhor aproveitados, como é o caso do dia 13 de maio, no qual se celebra o Dia da Abolição da escravidão, ocorrida em 1888, e de 20 de novembro, Dia da Consciência Negra desde 2003. As iniciativas acabam, por vezes, por focar-se nos relatos de crueldade da escravidão e no sofrimento dos africanos, deixando para trás vários outros aspectos que poderiam ser trazidos para valorizar os africanos de forma positiva, como vários aspectos culturais, contribuindo para a elevação da autoestima dos afrodescendentes, ou seja, nem sempre a abordagem é a mais adequada ou construtiva "quando se trata de um público mais infantil ou juvenil" (MWEWA; MATOS, 2022a, p. 6).

No contexto das ciências humanas, onde se inclui a educação, é comum aceitar a máxima adorniana, segundo a qual "a primeira de todas" as exigências é a de que "Auschwitz não se repita" (ADORNO, 1995, p. 119). Por seu turno, Achille Mbembe

---

<sup>1</sup> "E o Lobo, o Diabo, o Gênio Malvado, o Maligno, o Selvagem são sempre representados por um negro ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o pequeno negro torna-se um explorador, um aventureiro, um missionário "que corre o risco de ser comido pelos negros perversos" tão facilmente quanto o pequeno branco" (FANON, 1952, p. 119 - Tradução livre nossa).

(2020, p. 27) defende que a escravidão é “uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica”. E Aimé Césaire (2010) enfatiza o papel das tensões entre colonizador e colonizado. Theodor Adorno, Mbembe e Aimé Césaire, próximos no tempo e distantes no espaço, unem-se na crítica a contextos que pretenderam/pretendem subjugar pessoas baseando-se no fator racial. Por outro lado, o mundo foi feito pelos adultos antes dos recém-chegados: as crianças (ARENDRT, 1972). Portanto, é na educação infantil, em especial, que podemos elaborar possibilidades outras de intervir no mundo. Neste sentido, conforme Mwewa e Lima (2021, p. 151), pode-se dizer que é:

[...] imprescindível oportunizar a inclusão das perspectivas infantis na elaboração dos direitos a elas concedidos. Para tanto, deve-se buscar ou criar mecanismos/estratégias, ou tecnologias sociais, para a materialização dos anseios das crianças, tomando-as como autoras das suas possibilidades de ação histórica e social. Do contrário, permanecemos na tentativa de dizer como o outro deve ser tratado.

Por outro lado, para adensar esta análise, e como se observou noutra local:

É possível dizer que a escola não se preparou para atender as multiculturas e as diversidades, e, portanto, reforça a manutenção da estrutura social, seguindo ainda a linha da homogeneidade e na formação do cidadão integrado socialmente? Se sim, é necessário que a escola abra espaço para a comunidade e atenda os sujeitos em sua pluralidade. (MWEWA et al., 2016, p. 75).

Se assumirmos com responsabilidade a educação das crianças, apresentando-lhes o mundo de uma forma real e não fictícia, como sugeriram Hannah Arendt, Theodor Adorno e Franz Fanon, anteriormente citados, a esperança poderá não ser vã.

Tendo em conta os desafios apresentados, os organizadores do dossiê **Infâncias, Racismos e Educação Infantil** sentiram necessidade de trazer a debate uma reflexão alargada sobre contextos que contemplam vários aspectos e dimensões, desde os desafios institucionais da educação infantil, tendo em conta o passado e reflexões históricas sobre períodos temporais anteriores, até aos desafios atuais, dentro e fora das instituições de educação infantil, e na família, ou que podem considerar novas metodologias e modalidades, incluindo as de expressão artística.

No caso da sociedade brasileira, por exemplo, é sabido que, apesar de ser constituída por vários grupos étnicos, religiosos e culturais, essa diversidade ou mistura (MATOS, 2019) nem sempre é vista como sinal de riqueza, mas sim como um grande desafio. E se é um desafio para os adultos, mais ainda o é para as crianças. Acresce a isso o fato de que o momento da infância, embora estrutural e estruturador do

indivíduo, tem sido pouco estudado no que respeita à discriminação étnica e racial<sup>2</sup>. No entanto, existem algumas pesquisas na área da psicanálise como, por exemplo, as levadas a cabo por Maria de Lourdes Teodoro (2015). Na área da educação podemos indicar as diversas produções de Fúlvia Rosemberg (1991, 1996, 1999, 2001, 2003a, 2003b, 2006, 2013, 2017, dentre outras), Lucimar Rosa Dias (1997 e 2007), Eliane Cavalleiro (2000), Cristina Teodoro Trinidad (2011), Rita Fazzi (2012), Anete Abramowicz (nas suas diversas publicações sobre o tema (em especial, ABRAMOWICZ; BENTO, 2012) e Christian Muleka Mwewa et al. (2016 e 2017), dentre outras.

Existem várias razões que contribuem para a escassez da realização de estudos cuja temática incida, de forma explícita, sobre os racismos no contexto das infâncias. Entre elas destacamos: 1. O pouco reconhecimento dado aos legados coloniais e a incipiente importância dada à discriminação étnica, racial e social; 2. A dificuldade de acesso às crianças, pois esse acesso carece de autorizações específicas e é muitas vezes mediatizado por pais, mães, encarregados/as de educação e profissionais de educação, como professores/as, educadores/as e formadores/as; 3. A tenra idade das crianças que não lhes permite ainda identificar e lidar com algumas situações do quotidiano educativo e escolar; 4. A escassa existência de manuais e de atividades que despoletem uma melhor caracterização e descrição da sociedade e uma adequada transmissão de ferramentas para lidar com a diversidade; 5. A preparação, por vezes incipiente, dos/as educadores/as e professores/as, mas também dos pais, mães e profissionais, no que respeita a valorizar e respeitar a diversidade; 6. A falta de diálogo e de interconexão entre a creche/escola e a família, assim como a ausência de diálogo dentro de algumas famílias, assoberbadas amiúde com outros aspetos quotidianos, deixando a abordagem destes fenómenos apenas para os momentos em que são suscitados problemas mais graves ou para as mídias sociais, dentre outros agentes externos, cuja qualificação nestes temas pode ser duvidosa e/ou limitada.

Pela sua experiência, os organizadores deste dossiê têm presente que falar sobre racismo(s) e discriminação étnica, racial e social, é sempre delicado, mas é sobretudo sensível quando o universo de trabalho e reflexão é o infantil/das crianças. Estamos ainda cientes de que esses desafios se colocam dentro da escola, pré-escola, creche,

---

<sup>2</sup> Uma vez que não existe diferenciação biológica sustentável e, portanto científica, entre os seres humanos, do ponto de vista racial, utilizaremos o termo raça entre aspas, pois o compreendemos enquanto dispositivo social de diferenciação do qual emana o poder na sua ambivalência. Nesta direção nos alerta Rosemberg que “é necessário pensar, simultaneamente, em condição socioeconômica e pertença racial para entender o racismo estrutural/material e simbólico no caso brasileiro, pois não tivemos, após a abolição da escravidão, um sistema de classificação racial legal/oficial sustentando um sistema de segregação racial formal, legal” (ROSEMBERG, 2017, p. 131).

das instituições de acolhimento, mas também na família e nos grupos a que pertencem ou com os quais interagem. Como referiu Tim Ingold (2018), devemos deixar de olhar a educação como um método de transmissão e pensá-la mais como uma prática de atenção. Durante a pandemia de Covid-19 foram notórios os esforços de vários professores para captar a atenção das crianças e para os motivar num contexto que foi muito difícil para todos – pais, encarregados/as de educação, professores/as e crianças. Foi também durante esse contexto que foram realizados alguns dos trabalhos aqui apresentados, o que constituiu um grande desafio, mas sem minorar o empenho na prossecução dos objetivos de pesquisa.

Este dossiê reúne um conjunto de dezoito artigos e uma entrevista. Os artigos foram organizados em secções que nos parecem essenciais ter presente quando se procede ao estudo do racismo e da discriminação nas escolas e instituições de educação infantil, ou em outros espaços educativos e formativos, ou em contextos relacionados com a presença de crianças e preocupados com a sua educação e formação. As secções intitulam-se: I. Conhecer, Refletir e Analisar; II. Observar e Aprender (Na Educação Infantil); III. Observar e Aprender (Fora da Educação Infantil); e IV. Agir (Transições e Expressões).

Apesar de algumas incipiências, o campo da educação, formação e cuidado de crianças é hoje muito diferente do que ocorreu no passado. As crianças são melhor tratadas e cuidadas, existe um maior respeito pelas suas vontades e desejos e os/as professores/as e educadores/as são responsabilizados/as pelas suas ações e atitudes. Há ainda um maior cuidado em utilizar uma linguagem mais adequada e práticas mais inclusivas na escola e nas instituições de educação infantil que educam e cuidam ou acolhem crianças. Contudo, na primeira metade do século XX, tal ainda não acontecia, sobretudo no que respeitava às crianças de classes sociais mais desfavorecidas ou provenientes das chamadas famílias desestruturadas. Como veremos no artigo **Melhorar a espécie humana desde a infância: Eugenia e higiene mental no Brasil e em Portugal (primeira metade do século XX)**, de Maria Julieta Weber e de Patrícia Ferraz de Matos, que abre a primeira secção – I. Conhecer, Refletir e Analisar –, apesar de preocupados com a saúde física e mental das crianças, quem produziu propostas eugênicas – médicos, educadores, legisladores e políticos – acabou por manifestar, na maioria das vezes, preconceitos acerca da proveniência social dessas crianças, o que, em alguns casos, veio a comprometer o trabalho desenvolvido em algumas instituições ligadas à saúde, ao acolhimento e à reinserção social.

Os espaços que têm a função de educar e cuidar das crianças têm, por isso, a responsabilidade de introduzir temas que contribuam para o respeito das diferenças (mas também a sua visibilização e celebração) desde a infância, ou seja, desde o momento em que se inicia o processo de construção da sua identidade, como expõe o artigo **Relações raciais e a creche: um ensaio sobre a formação da identidade negra e a prática educativa**, de Aline Aparecida Souza de Carvalho Veiga e de Marta Regina Paulo da Silva. E é nesse contexto da educação infantil que se deverá tomar contacto, desde cedo, com o fato de que, apesar dos avanços trazidos pelos movimentos negros, existem **Corpos marcados nos tempos da história: infâncias negras na literatura e na imprensa**, de acordo com o título do artigo de Diane Valdez e de Elis Regina da Silva Oliveira, no qual são analisadas as “infâncias negras”; este artigo teve como base analítica a história, a literatura (na qual são representadas crianças negras) e a imprensa contemporânea (onde são abordados casos de racismo e da qual emanam muitos preconceitos), e permite-nos articular o passado escravocrata e de exploração com o racismo atual.

São vários os desafios que nos trazem as **Infâncias, experiências e os sentidos de ser criança negra na educação infantil**, como nos indica o título do artigo de Alex Sander da Silva e de Marta Regina Furlan, que apela à necessidade de não promover uma forma única de infância ou de ser criança, mas sim formas plurais, diversas, que promovam uma educação antirracista desde essa etapa educativa. A promoção de uma educação antirracista e inclusiva pode acontecer, por exemplo, através da análise do “brincar”, um aspecto tão fundamental na infância e ao qual todas as crianças deveriam ter direito. Porém, o “brincar” foi negado às crianças escravizadas, como é retratado no artigo **Racismo e o lugar do brincar: Negrinha de Monteiro Lobato, (1920)**, de Christian Muleka Mwewa, Anailta Bastos de Oliveira e Angélica Caetano da Silva, que nos permite dar conta das tensões nas relações familiares e quotidianas do contexto analisado, que foram marcadas pelo estabelecimento de hierarquias, discriminação e violência contra os seres mais frágeis da sociedade.

A segunda secção – II. OBSERVAR E APRENDER (Na Educação Infantil) – traz-nos um aspecto pertinente, que é o de ouvir o que dizem os/as professores/as sobre o terreno da educação infantil. Tal acontece no artigo **Ajude-me a fazer parte: por uma prática pedagógica antirracista na educação infantil**, de Juliana Moreira Borges e de Ana Paula Braz Maletta, cujo estudo foi feito a partir da observação na educação infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, em Minas Gerais. E acontece também no artigo **Concepções e práticas pedagógicas de professoras**

**de educação infantil diante da educação para as relações étnico-raciais**, de Crisley de Souza Almeida Santana e de Ione da Silva Cunha Nogueira, que a partir de uma pesquisa realizada no município de Santa Mercedes, no interior de São Paulo, concluem que a componente legislativa não é suficiente e a formação de professoras/es carece de mais investimento no tema das relações étnico-raciais, mais aquisição de materiais e uma escuta mais atenta às próprias crianças.

Entre os materiais privilegiados, a partir dos quais se pode trabalhar no espaço escolar, estão, além dos manuais prescritos no currículo, alguns livros de literatura e de quadrinhos. Os contributos trazidos por esses materiais foram analisados no artigo **(In)visibilidade negra e cultura visual: chapeuzinho vermelho negro e lobo mau branco**, de João Paulo Baliscei e de Emanuelle Dalécio da Costa, que explora as relações entre a caracterização do bem e do mal e a construção de preconceitos racistas. Por sua vez, o artigo **Espaço escolar: afirmação da identidade em Tayó em quadrinhos de Kiusam de Oliveira**, de Leandro Passos e de Luana Passos, analisa os quadrinhos “Firmeza” e “Baobá”, contribuindo para a discussão sobre construções identitárias mais afetivas e empáticas junto às crianças.

Já as autoras Cecília Maria Vieira e Thaís Regina de Carvalho trazem-nos o artigo **Um brinquedo diferente na luta antirracista na educação infantil: o livro de literatura**, cuja pesquisa foi realizada num Centro Municipal de Educação infantil de Goiânia, e onde propõem o livro como um bem acessível a todas as crianças, capaz de contribuir para a luta antirracista e, portanto, importante para incluir na formação de professores/as. Além dos livros, a análise pode estender-se a criações visuais<sup>3</sup>, como acontece no artigo **Entre tintas, palavras e percepções étnicas: reconhecimento da cultura guarani desde uma perspectiva do bem viver**, de María Paula Obando Rodríguez e de Renata Junqueira de Souza. O trabalho que encerra esta secção apresenta uma proposta pedagógica para crianças, entre os 4 e os 5 anos de idade, e contribui para o reconhecimento da cosmopercepção da cultura guarani e da língua tupi, tendo em conta os princípios da prática filosófica do *bem viver*, da educação artística e da literatura infantil como direitos fundamentais das crianças e como propulsores da inclusão.

---

<sup>3</sup> Não só as imagens criadas a partir de desenhos e pinturas, mas também as fotografias e, sobretudo, os discursos que vêm associados às imagens, nos textos que supostamente as pretendem contextualizar, podem contribuir para a produção de discriminações. Um desses exemplos pode ser encontrado no *Álbum Fotográfico-Literário* de Cunha Moraes produzido em finais do século XIX sobre a população de Angola (ROCHA; MATOS, 2019). O potencial da fotografia e das imagens para o campo da educação foi analisado em outro local (ROCHA; MATOS, 2018).



A terceira secção – III. OBSERVAR E APRENDER (FORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL) – reúne três artigos que resultam da observação em outros contextos, fora do espaço da educação infantil. Por outras palavras, a realização de estudos com crianças nem sempre tem de ocorrer nas instituições formativas, educativas ou de recreio. Nesse âmbito, foi realizado um estudo sob a percepção da cor da pele em duas cidades do nordeste brasileiro, traduzido no artigo **Identidade racial e percepção do valor social dos grupos pelas crianças: uma análise em termos de desenvolvimento**, de Ueliton Santos Moreira-Primo e de Dalila Xavier de França, que chega às seguintes conclusões preocupantes: “[...] as crianças pardas e as crianças pretas de 6 e de 7 anos são as que menos gostam de ser negras e as que mais preferiam pertencer ao grupo dos brancos”; “as crianças brancas, em todas as idades, gostam de ser brancas e preferem pertencer ao seu próprio grupo racial”; “crianças brancas, pardas e pretas, de forma indiferenciada, entre as idades de 6 a 11 anos, avaliam que o grupo branco é o mais valorizado socialmente” (MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, neste dossiê, p.271).

Fora dos espaços de educação infantil, existem outros locais que nos podem instigar à reflexão. É o caso dos lugares onde se realizam práticas religiosas, ou com componentes mais espirituais, e do seu contexto envolvente, como acontece no fenómeno tratado no artigo sobre o terreiro de Batuque jeje-ijexá: **‘Eles não sacrificam animais que nem aqui’: a ética das crianças e o enfrentamento ao racismo religioso**, de Ana Paula Evaristo Russi e de Josiele Bené Lahorgue, em que são analisados os preconceitos das crianças face ao destino e ao estranho. Continuando a explorar a ideia de evitamento da incerteza, é também no contexto familiar que podemos encontrar um terreno fértil para analisar a socialização das crianças desde tenra idade. A família, enquanto instituição da primeira socialização, se torna um lócus privilegiado na percepção dos malefícios resultantes das relações interpessoais mediadas pelo racismo discriminatório, mas pode ser também um lócus do estímulo ao respeito pela diversidade, como nos demonstra Carlos Daniel Moreira de Barros no artigo **Facing uncertainty: the role of the family in the development of identities**, onde a diversidade nas famílias transnacionais é vista como uma mais-valia.

A quarta e última secção – IV. AGIR (TRANSIÇÕES E EXPRESSÕES) – não traz soluções milagrosas, mas vem em complemento das secções anteriores. O artigo **As relações étnico-raciais no contexto da educação infantil: uma análise do congresso da associação brasileira de pesquisadoras/es negras/os – COPENE**, de Sarita Faustino dos Santos, Alexandre Freitas Marchiori e André da Silva Mello, apresenta-nos uma análise sobre a forma como as relações étnico-raciais têm sido



tratadas, no contexto da educação infantil, entre 2000 e 2020, no referido congresso, e reforça a importância de romper com o currículo e valorizar as vozes das crianças.

Também o contexto de transição da formação de adultos para a observação no ambiente da educação infantil (através da atribuição de bolsas) nos pode trazer pistas instigadoras, como é demonstrado no artigo **Caminhos de atuação antirracista na educação infantil: a experiência do programa institucional de bolsas de iniciação à docência**, de Adrienne Ogêda Guedes, Michelle Dantas Ferreira e Stephani Oliveira Coelho, sobre a experiência no Centro de Referência em Educação Infantil Realengo. O programa de bolsas referido permite que as/os estudantes, ainda na graduação, entrem em contato com os desafios do cotidiano da educação infantil, preparando de antemão temas que promovam uma educação para a diversidade, nomeadamente através de literatura ou obras de arte, ambas produzidas por autoras/es ou artistas negras/os.

É, sem dúvida, através da arte que se podem realizar alguns dos trabalhos mais interessantes com crianças, nomeadamente a partir da performance, expressão corporal, dança e música. Tal é retratado no artigo **'Ballem el joc perdut', la multiculturalidad en la educación infantil: proyecto de intervención para la atención de la diversidad cultural**, de Maria del Carmen González-André e de Marcelo Braz Vieira, sobre um projeto de intervenção, no contexto da educação infantil em contextos formativos catalães (Espanha), que tem como objetivo promover a diversidade multilíngue e multicultural, a partir da expressão corporal, dança e jogos musicados, e facilitar a vivência nesses contextos, mas também no contexto da comunidade. Esta seção termina com o ensaio **Rasuras e perspectivas macumbísticas para uma educação infantil inclusiva e antirracista**, de Norma Silvia Trindade Lima e de Mariana Semião de Lima, em que defendem que tanto as capoeiras, como os candomblés, ou outras práticas afrodiaspóricas, têm o potencial de poder promover perspectivas inclusivas e antirracistas essenciais ao nível da educação infantil.

Tanto no caso dos ensaios teórico-metodológicos, como no caso dos artigos que resultam de pesquisas de terreno – em arquivo, espaços de educação infantil, espaços de formação, lúdicos, ligados a práticas religiosas ou outras instituições – estamos perante trabalhos que vêm contribuir para uma melhor compreensão dos dispositivos, subjetivos e objetivos, relativos a manifestações de racismo(s) e/ou discriminação étnica e racial durante a infância e/ou no contexto da educação infantil. Foram também analisados livros e manuais utilizados nos espaços de educação infantil, assim como

atividades formativas, pedagógicas e lúdicas, sendo que algumas serviram para analisar vivências quotidianas no contexto escolar – relação entre as/os professoras/es e /educadoras/es e as crianças e relações entre as próprias crianças.

Os produtos (artigos, ensaios e entrevista) deste dossiê concorrem assim para melhor identificar o problema da discriminação étnica e racial no contexto infantil, mas também e, sobretudo, para ajudar a pensar o papel da educação infantil hoje e a sua responsabilidade na formação de pessoas, tendo em conta fatores que potenciam a discriminação (“raça”, etnia, gênero, classe social, geração, sexualidade, religião, crenças, origem, local de residência, entre outros). Por outro lado, e em complemento ou articulação com o contexto educativo, foi tomado em conta o contributo do contexto familiar e de outras relações sociais e interpessoais para pensar o fenómeno da discriminação étnica e racial – como identificá-lo, como enfrentá-lo e como evitá-lo. Todos os trabalhos parecem evidenciar a necessidade de promover uma educação antirracista desde a infância, como avançamos em outro local (MWEWA; MATOS, 2022b).

No final do dossiê, apresenta-se a entrevista **Um olhar... uma narração... uma conversa pelo pensamento de Walter Benjamin...** realizada a Alexandre Fernandez Vaz, por Julyana Sueme Winkler Oshiro Galindo, Tânia Cristina Barreto de Souza e Christian Muleka Mwewa, procurando tratar a importância e o papel do adulto (professor/a da educação infantil) na reflexão sobre as questões étnico-raciais. O retrato é este. Algumas conclusões foram tiradas e apresentadas. Voltando ao ponto de onde partimos, se “de pequenino se torce o pepino”, então que seja também desde a infância que sejam dadas as ferramentas para que as crianças possam socializar-se, enfrentar o mundo em que vivemos e ser menos vitimadas. Resta refletir sobre o que aqui é apresentado e procurar pôr em prática (reflexiva e cotidiana), pelo menos algumas das iniciativas propostas, alargando-as, desenvolvendo-as, de forma construtiva e estimulante. As nossas crianças merecem ser motivadas a participar deste esforço desde pequeninas.

Desejamos uma excelente leitura!

**Patrícia Ferraz de Matos**  
**Christian Muleka Mwewa**

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012.
- ADORNO, Theodor Wiesegrund. **Educação e emancipação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras contemporâneas, 2010.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Diversidade Étnico-Racial e Educação Infantil**: Três Escolas, Uma Questão, Muitas Respostas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação (FAED). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.
- DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.
- FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1952.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras-socialização entre pares e preconceito**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- INGOLD, Tim. **Anthropology and/as Education**. New York: Routledge, 2018.
- MATOS, Patrícia Ferraz de. Racial and Social Prejudice in the Colonial Empire: Issues Raised by Miscegenation in Portugal (Late Nineteenth to Mid-Twentieth Centuries), **Anthropological Journal of European Cultures**, v. 28, n. 2, p. 23-44, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, edições, 2020.
- MWEWA, Christian Muleka; PINTO, Sandra Maria Eugenia; BISPO, Silvana Alves da Silva. Mediações étnico-raciais no contexto educativo da Educação infantil em Três Lagoas, MS: um estudo de caso. **Zero-a-Seis** (Florianópolis), v. 18, p. 65-82, 2016.
- MWEWA, Christian Muleka; RANDO, Juliana Silva; AMARAL, Renata Ariana; MELLO, Wilma de Carvalho. Implicações étnicas e práticas pedagógicas na educação infantil em Três Lagoas, MS. **Imagens da Educação**, v. 7, n. 3, p. 86-98, 2017.

MWEWA, Christian Muleka; LIMA, Bárbara. Relações entre adulto e criança nos relatórios de estágio na educação infantil. **Cadernos Cajuína**, v. 6, n. 4, p. 142-155, 2021.

MWEWA, Christian Muleka; MATOS, Patrícia Ferraz de. O racismo importa: contributos dos campos da educação, da formação e das ciências sociais. **Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 16, n. 29, p. 1-13, 2022a.

MWEWA, Christian Muleka; MATOS, Patrícia Ferraz de. Formação para uma personalidade antirracista: porque *o racismo não nasce com a criança*. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1150–1168, 2022b.

ROCHA, Liliana Oliveira da; MATOS, Patrícia Ferraz de. Seeing is believing? Educational Challenges posed by the power of photography/ Ver para crer? Desafios educacionais sobre o poder da fotografia, **Revista Práxis Educacional**, v. 14, n. 29, p. 177-197, 2018.

ROCHA, Liliana Oliveira da; MATOS, Patrícia Ferraz de. Fotografias de Angola do século XIX: o *‘Álbum Fotográfico-Literário’* de Cunha Moraes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 31, p. 165-186, 2019.

ROSEMBERG. Fúlvia. Raça e educação inicial. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n. 77, p. 25-34, 1991.

ROSEMBERG. Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 96, p. 3-86, 1996.

ROSEMBERG. Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n. 107, p. 7-40, 1999.

ROSEMBERG. Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001.

ROSEMBERG. Fúlvia. Sísifo e a educação infantil brasileira. **Revista Proposições**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 177-196, 2003a.

ROSEMBERG. Fúlvia. BAZILLI, C.; SILVA, Paulo B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate. **Educação em Revista** (UFMG), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 109-124, 2003b.

ROSEMBERG, Fúlvia. Estatísticas educacionais e cor/raça na educação infantil e ensino fundamental: um balanço. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 15-42, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas de educação infantil e avaliação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, p. 44-75, 2013.

ROSEMBERG, Fúlvia. Psicanálise e relações raciais. In: KON, Noemi Moritz, SILVA, Maria Lúcia da e ABUD, Cristiane Curi (Org.). **O racismo e o negro no Brasil**: questões para a psicanálise. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 129-142, 2017.

TEODORO, Maria de Lourdes. **Identidade Cultural e Diversidade étnica Negritude Africano- Antilhana e Modernismo brasileiro**. São Paulo: Scortecci, 2015.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.